

CAPÍTULO 12

Trabalhadoras da saúde na linha de frente durante a pandemia de covid-19: sofrimentos e mortes

*Vanessa Santos
Elizabete Franco Cruz*

Antes da pandemia de covid-19, as trabalhadoras de saúde no Brasil já sofriam com diversas questões atreladas a carga horária exaustiva, baixa remuneração e ausência de plano de carreira. Elas encontram-se inseridas no sistema neoliberalista que as utiliza como capital, criando e mantendo a lógica de boa performance, utilidade e descartabilidade que, de muitas formas, atinge suas subjetividades.

Com a chegada da pandemia de covid-19 no país, as trabalhadoras, que já vinham dos sofrimentos silenciados, foram convocadas para a linha de frente e as adversidades, até então ignoradas, se escancararam. Além de lidarem com dilemas existentes anteriormente, lançaram-nas na linha de frente num período em que o Brasil tinha um governo negacionista em relação à pandemia e à ciência.

Como se sabe, a pandemia de covid-19 surgiu em Wuhan, na China, em dezembro de 2019, e se alastrou pelo mundo rapidamente. Chegou ao Brasil em fevereiro de 2020. Foi uma das piores catástrofes biológicas de todos os tempos, atingindo o planeta de modo global, e interferiu de forma drástica em todo o sistema capitalista.

Nesse cenário, governos do mundo inteiro se organizaram para o enfrentamento e o combate ao vírus, até que as vacinas pudessem ser elaboradas e distribuídas à população.

A maior parte dos chefes de Estado seguiram os protocolos sanitários determinados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), com o intuito de reduzir o contágio e o número de mortes. No Brasil, o cenário foi de negação da doença e preocupação com os interesses de alguns grupos de empresários. Foi em tal contexto histórico que a covid-19 no Brasil encontrou terreno fértil para realizar sua matança. De um lado, o negacionismo, e do outro, uma elite preocupada com interesses econômicos. Dessa forma, o Brasil chegou a 700 mil mortes por covid-19 e foi o segundo país no mundo com mais óbitos, depois dos EUA.

Assim que a pandemia chegou ao território nacional, os governadores dos estados tentaram se organizar para o enfrentamento da doença. Houve contratação emergencial de trabalhadoras da saúde e aberturas de hospitais de campanha, mas, ainda assim, tais iniciativas não foram suficientes diante do terror que o vírus causou à população: mortes em massa, enterros em valas comuns, falta de oxigênio em hospitais e disseminação de notícias falsas sobre o curso da pandemia.

Foi nesse ambiente que inseriram as trabalhadoras na linha de frente da covid-19, a maioria mulheres, pretas e pardas (Monterastelli, 2022).

O cenário, até então silenciado, é escancarado e uma realidade de trabalho sofrida é desvelada. Os hospitais ficaram superlotados, cilindros de oxigênio e medicamentos para intubação acabaram e as trabalhadoras se depararam com o extremo do esgotamento e com a morte.

Mediante essa realidade, emergiu a seguinte pergunta: quais foram os sofrimentos e as angústias que atravessaram essas trabalhadoras durante o enfrentamento da covid-19?

Para desenvolver o estudo e responder à pergunta, utilizamos o método construcionista de Mary Jane Spink (2010), porque buscamos compreender os sentidos produzidos a partir da vivência das trabalhadoras da saúde da linha frente na covid-19, bem como seus sofrimentos.

Inicialmente, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada composto por 13 perguntas, divididas em quatro eixos: sofrimentos, suporte, a questão da morte e os sentidos da vivência. Tais questões permitiram às trabalhadoras de saúde relatarem suas experiências. Foram entrevistadas dez trabalhadoras de saúde da cidade de São Paulo, atuantes em hospitais públicos e particulares na linha de frente da covid-19. Entre elas, três psicólogas, duas enfermeiras, duas técnicas de enfermagem, uma médica, uma auxiliar de limpeza e uma fisioterapeuta. O acesso às trabalhadoras se deu por meio de bola de neve, ou seja, contato por indicação de uma

Devido à rapidez e à quantidade de óbitos, elas não tiveram tempo de manifestarem seus lutos. “O luto público está relacionado à indignação, e a indignação diante da injustiça ou, na verdade, de uma perda irreparável que possui um potencial político” (Butler, 2020, p. 66). Se o luto público é um potencial político, nas táticas da necropolítica desvalidá-lo é uma estratégia para a não reação dessas trabalhadoras.

Portanto, “a necropolítica é um dispositivo de poder que não só provoca a morte como busca impedir que o sofrimento gerado pela morte produza sensibilidade e comoção no espaço público, por meio de uma gestão do luto” (Guimarães, 2022, p. 1). As táticas da necropolítica se fizeram presentes no contexto brasileiro. Diante desse mecanismo, o luto é utilizado como forma de controle necropolítico (Mota; Ginach, 2022). Nesse sentido, “um primeiro passo para evitar que a morte seja despersonalizada é dar espaço para que a dor seja comunicada” (Sousa, 2020, p. 13). Porém, no cenário necropolítico, a dor não teve espaço para ser declarada, o cansaço e o esgotamento causados pela sobrecarga não deram vazão à apropriação das sensações e emoções que poderiam tornar potência as dores das perdas. Para a necropolítica, manter a impotência, o desespero e os sofrimentos são estratégias articuladas para fazer morrer.

A necropolítica está atrelada à maneira como o poder realiza a gestão das mortes de determinados grupos, seja uma morte escancarada ou exposição a situações e condições inóspitas que estimulam a morte (Guimarães, 2022). Outras vezes, de modo sutil, faz a gestão necropolítica do luto por meio do impedimento de sua expressão, como essas trabalhadoras puderam vivenciar.

Considerações finais

As mortes produziram muitos sofrimentos na vivência das trabalhadoras. A falta de suporte e espaços para a legitimação do luto nos possibilita pensar uma gestão necropolítica que desvalidou e precarizou o corpo e a alma dessas trabalhadoras. Tristeza, angústia, cansaço, burnout, depressão e ansiedade parecem revelar, para além dos sintomas, expressão de uma subjetividade atingida pelo descaso e desamparo, propiciando esgotamento.

Essas mulheres se viram, em um ambiente completamente inóspito, tendo de lidar com uma demanda intensa que envolveu mortes em massa e impotência diante da falta de recursos. Seus lutos não foram legitimados e isso nos possibilita pensar acerca da importância de espaços de validação das dores vivenciadas nesse processo.

Dessa forma, é primordial pensar em políticas públicas que as respaldem a médio e longo prazo, com a criação de espaços para a vivência do luto coletivo, o que legitima suas dores e possibilita sentidos de existência.

As trabalhadoras são agentes fundamentais para a saúde do corpo social e se elas não estiverem bem isso reverberará no tecido social. Elas são partes essenciais da produção de saúde, portanto, deveriam ser prioridade nas políticas públicas, principalmente durante e após a pandemia, pois os impactos causados pelas mortes podem reverberar a médio e longo prazo, caso o luto não seja legitimado. O luto como potência precisa ser validado para que a capacidade de “re-existência” possa florescer.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. *Vida precária os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020a.
- BUTLER, J. *Quadros de guerra quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2020b.
- GUIMARÃES, H. M. L. Necropolítica como gestão do luto. *Revista de Ciências do Estado*. Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 1-24, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revce/article/view/e39331>. Acesso em: 4 ago. 2023.
- MONTERASTELLI, A. Quem foram os trabalhadores da saúde mortos por covid. *Outra Saúde*, 18 out. 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasaude/covid-a-condicao-social-das-mortes-de-trabalhadores-da-saude/>. Acesso em: 18 nov. 2022.
- MOTA, I. de O.; GINACH, E. L. Os sentidos do luto na pandemia de covid-19 no Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 63, p. e021031, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8665222>. Acesso em: 4 ago. 2023.
- SPINK, M. *Linguagem e produção de sentido no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
- SOUSA, R. C. Vulnerabilidade, vida precária e luto: os impactos da pandemia de covid-19 no Brasil. *Unifesspa*, 9 jun. 2020. Disponível em: https://acoescovid19.unifesspa.edu.br/images/Vulnerabilidade_vida_prec%C3%A1ria_e_luto_os_impactos_da_pandemia_da_covid-19_no_Brasil_-_25_de_maiio.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.